

Feminismos versus tradwives: direito das mulheres e os dispositivos de feminilidade da esposa-mãe

Feminisms versus tradwives: women's rights and the femininity devices of the wife-mother

*Kátia Borges Theóphilo*¹

RESUMO

O artigo analisa as tensões entre os feminismos contemporâneos e o movimento denominado *tradwife*, que ressignifica papéis tradicionais de gênero e se opõe às conquistas feministas. A pesquisa fundamenta-se nos conceitos de dispositivo (Michel Foucault) e de tecnologias de gênero (Teresa de Lauretis), compreendendo como as mídias sociais funcionam como arenas de disputa de significados. Inicialmente, apresenta-se uma historiografia dos feminismos, destacando a pluralidade de agendas e a performatividade de gênero. Em seguida, discute-se a “Primavera Feminista” e o papel dos coletivos digitais na difusão de pautas emancipatórias. Por fim, analisa-se a ascensão das tradwives, cujo discurso reforça valores patriarcais e legitima a submissão feminina sob a aparência de escolha autêntica. Conclui-se que, enquanto os feminismos se mostram diversos e interseccionais, o movimento tradwife promove a padronização de gênero e reforça narrativas conservadoras excludentes.

PALAVRAS-CHAVE: Feminismos. Primavera Feminista. Tradwife. Gênero. Discurso.

ABSTRACT

The article analyzes the tensions between contemporary feminisms and the so-called tradwife movement, which reinterprets traditional gender roles and opposes feminist achievements. The research is based on Michel Foucault's concept of dispositif and Teresa de Lauretis' notion of gender technologies, understanding social media as arenas of meaning disputes. First, it presents a historiography of feminisms, emphasizing their plurality and the performativity of gender. Then, it discusses the “Feminist Spring” and the role of digital collectives in disseminating emancipatory agendas. Finally, it examines the rise of tradwives, whose discourse reinforces patriarchal values and legitimizes female submission under the guise of authentic choice. The study concludes that, while feminisms are diverse and intersectional, the tradwife movement promotes gender standardization and strengthens conservative and exclusionary narratives.

KEYWORDS: Feminisms. Feminist Spring. Tradwife. Gender. Discourse.

¹ Kátia Franciele Corrêa Borges Theóphilo (Kátia Borges) – Doutora em História pela Universidade Federal de Juiz de Fora (UFJF). Professora do Departamento de História da Universidade Estadual de Montes Claros (Unimontes). Pesquisadora dos projetos REAGE – Rede Mineira de Estudos Avançados em Desigualdades, Violências de Gênero e suas Interseccionalidades e CERPOPULAR – Centro de Referência em Educação Popular com Enfoque em Gênero e Relações Étnico-Raciais, vinculados à Unimontes e financiados pela FAPEMIG.
E-mail: katia.borges@unimontes.br.

* * *

Introdução

Em 2019, na edição brasileira do livro “Feminismo para os 99%: um manifesto”, escrito por Cinzia Arruzza, Tithi Bhattacharya e Nancy Fraser, Talíria Petrone escreveu que “nosso feminismo só será mesmo urgente se for por inteiro, palpável e real para a maioria das mulheres brasileiras e do mundo. Se for popular e verdadeiramente emancipador”². A autora se referia às demandas urgentes vivenciadas e experienciadas por mulheres como, por exemplo, a violência contra os corpos negros, sobretudo contra os filhos de mães negras, que são mortos por policiais a serviço do Estado. Desse modo, defende que no Brasil o feminismo personifica nas mulheres indígenas, caiçaras, camponesas, ribeirinhas, quilombolas etc. Que o feminismo não pode se dissociar da questão ecológica e dos direitos humanos, portanto ele é “ecossocialista” e “antiLGBTfóbico”. O feminismo precisa acima de tudo se articular com raça e etnia, gênero e classe. Encerra o prefácio do livro afirmando que o “feminismo 99%” é a favor da vida, da liberdade e do direito de existir e assim ela convoca as mulheres de todo mundo para se unirem em prol desse objetivo³.

Na obra, Cinzia Arruzza, Tithi Bhattacharya e Nancy Fraser utilizam o termo “primavera feminista” para designar o movimento de mulheres que, a partir de 2018, ocupou diversos espaços públicos – ruas, locais de trabalho, escolas, indústria do entretenimento, mídia, redes sociais e a política – numa ampla corrente que propõe “um novo movimento feminista global que pode adquirir força suficiente para romper alianças vigentes e alterar o mapa político” (2019, p. 24).

Para Pilar Pardo Rubio, estamos presenciando a “primavera das mulheres”, momento em que mulheres emancipadas por lei, depois de um século, passaram a lutar e a defender o anseio de libertar-se pela clareza da

² Petrone, Talíria. Prefácio. In: Arruzza; Bhattacharya; Fraser (2019, p. 12).

³ Petrone, Talíria. Prefácio. In: Arruzza; Bhattacharya; Fraser (2019).

consciência (Rubio, 2020). Já Heloisa Buarque de Hollanda (Heloisa Teixeira) afirma que vivemos os feminismos das diferenças, isto é, feminismos no plural, pois representam distintos lugares de fala. Esses feminismos se apresentam por meio de vertentes como o feminismo branco/hetero/cisgênero, negro, indígena, asiático, transfeminismo, lésbico, radical, protestante etc. (Hollanda, 2018). Assim, utilizo a expressão “feminismos das diferenças”, tomada dessa autora, para tratar dos movimentos de mulheres contemporâneos, reconhecendo que ela também funciona como uma classificação dos feminismos que reivindicam direitos a partir das diferenças e se apoiam em bases essencialistas.

Em oposição aos feminismos encontram-se mulheres que se autodenominam “*tradwives*”. O fenômeno tradwife, como conceituam em estudos netnográficos as pesquisadoras Sophia Sykes e Veronica Hopner, trata-se de um movimento de direita no qual mulheres alavancam as mídias sociais para promover visões tradicionais sobre feminilidade, misturando ideologia com estética. As autoras conduziram uma análise completa de trinta e seis perfis *tradwives* ao longo de dez meses, descobrindo como essas influenciadoras constroem comunidades, monetizam suas crenças e criam um ambiente de apoio para mulheres que abraçam papéis conservadores de esposas e mães (Sykes e Hopner, 2024)⁴.

No Brasil, o fenômeno também se deslança com influenciadoras que fazem sucesso mostrando em suas redes sociais uma rotina de dedicação exclusiva ao lar (Prado; Simões, 2025). Além do trabalho intensivo⁵ não remunerado e a dependência econômica do marido, tais esposas surgem com um movimento contrário aos feminismos que tomaram as redes sociais. As *tradwives* representam o retrocesso nos direitos das mulheres uma vez que engloba discursos combatidos pelos feminismos, como por exemplo, o patriarcado, a violência de gênero, romantização da maternidade.

⁴ Tradução livre.

⁵ Conforme Silvia Federici “A reprodução humana é um processo de trabalho intensivo que fica mais evidente no cuidado de crianças e de idosos que, mesmo em seus componentes mais físicos, requer o fornecimento de uma sensação de segurança, de consolo e de antecipação dos medos e desejos (Federici, p.223).

O presente estudo fundamenta-se nos conceitos de dispositivo (Michel Foucault) e de tecnologias de gênero (Teresa de Lauretis). Para Foucault (1999), o dispositivo consiste em um conjunto estratégico de elementos destinados a formar e regular um domínio social, representando um momento histórico específico e cumprindo a função de responder a uma urgência, exercendo, assim, uma função estratégica dominante. Nessa perspectiva, Lauretis (2019) acrescenta que as tecnologias de gênero, como as redes sociais, operam na produção e difusão de discursos institucionais que controlam o campo do significado social, promovendo e consolidando determinadas representações de gênero. Contudo, a autora ressalta que, mesmo nas margens desses discursos hegemônicos, emergem possibilidades de construção alternativa de gênero.

Neste sentido este ensaio analisa as tensões entre os feminismos contemporâneos e o movimento denominado *tradwife*, que ressignifica papéis tradicionais de gênero e se opõe às conquistas feministas. O texto se organiza em três partes. Na primeira almeja-se traçar uma historiografia dos feminismos e dos estudos de gênero. Na segunda se discute o conceito de primavera feminista e como ela se articula com as redes sociais. E, por fim, faz-se uma análise do movimento tradwife e seus discursos.

1 O gênero na história: por uma historiografia dos feminismos

O gênero não é algo natural, biológico ou dado, mas sim produzido culturalmente por meio de representações sociais, discursos, instituições e práticas cotidianas. De acordo com Joan Scott, o estudo da categoria gênero é importante para compreender os sexos e seu constructo social. Assim, é preciso atentar-se para a “amplitude dos papéis sexuais e do simbolismo sexual nas várias sociedades e épocas, achar qual o seu sentido e como funcionavam para manter a ordem social e para mudá-la”. Segundo a autora, o gênero deve ser pesquisado de forma concreta e contextual, pois é “um fenômeno histórico, produzido, reproduzido e transformado em diferentes situações ao longo do tempo”. O gênero se traduz numa nova

forma de se pensar a história, questionando e historicizando aqueles termos que foram tomados como confiáveis e auto evidentes. Afinal, a “história não é mais a respeito do que aconteceu a homens e mulheres e como eles reagiram a isso, mas sim a respeito de como os significados subjetivos e coletivos de homens e mulheres, como categorias de identidades, foram construídos” (Scott, 1989, p. 19).

Judith Butler entende o gênero como performativo, isto é, resultado de práticas reguladoras que produzem e impõem coerências sociais. Ao propor esse conceito, a autora rompe com as categorias tradicionais de corpo, sexo, gênero e sexualidade, deslocando-as da estrutura binária. A autora também questiona a produção jurídica da linguagem e a representação política, ao problematizar a noção de “mulheres” como sujeito único do feminismo (Butler, 2018). Assim, suas reflexões, junto às de Joan Scott, oferecem importantes contribuições teóricas para os estudos históricos e para novas pesquisas.

No esforço de se pensar a história a partir dos constructos de significados coletivos e subjetivos de identidades masculinas e femininas e a performatividade do gênero, almeja-se, nesta parte, dialogar com a produção histórica do(s) feminismo(s), a fim de clarificar as conquistas e os avanços desse movimento ao longo de sua trajetória. Atualmente, circula entre algumas mulheres a frase: “eu sou feminina e não feminista”. Entendendo que o feminino é um constructo social do gênero, então, o que seria a feminista? Por que o termo ainda é rechaçado por mulheres que se autodefinem “femininas”? O que está por trás desses discursos?

Para iniciar, é fundamental desmistificar o conceito de feminismo – ou, mais precisamente, os feminismos – e compreender a origem do termo. O feminismo pode ser definido como o movimento de mulheres voltado à conquista de direitos políticos, sociais e civis. Historicamente, suas primeiras articulações surgiram como resposta às desigualdades estruturais às quais as mulheres foram submetidas, sobretudo nos âmbitos educacional, político e econômico. No final do século XVIII, por exemplo, a inglesa Mary

Wollstonecraft já denunciava a injustiça enfrentada por mulheres solteiras, em seu livro *“Thoughts on the Education of Daughters”*. Ela defendia que a educação das mulheres deveria ser aprimorada para que pudessem desenvolver seus talentos e exercer sua racionalidade, ao contrário das ideias tradicionais que as limitavam a funções de charme e submissão. Para Wollstonecraft, uma educação adequada não só beneficiaria as próprias mulheres, mas também contribuiria para uma sociedade mais justa e igualitária, desafiando a concepção de que as mulheres eram naturalmente inferiores aos homens e destacando a importância de formá-las de modo a promover sua autonomia e participação plena na vida social (Gordon, 2020).

Mary Wollstonecraft admirava Rousseau em alguns aspectos, mas discordava fortemente de sua visão sobre as mulheres. Enquanto ele retratava Sophie, em *Emílio*, como alguém submissa e destinada apenas a agradar os homens, Mary defendia a autonomia feminina, a valorização da vida interior e a possibilidade de as mulheres desenvolverem seus talentos e exercerem sua liberdade, em vez de serem reduzidas a complementos passivos (Gordon, 2020). É evidente que sua obra inspirou o surgimento do feminismo no século XIX e mantém sua relevância até o presente.

De acordo com Raymond Boudon e François Bourricaud, a “expressão feminismo foi utilizada por ativistas pelos direitos das mulheres, não apenas nos Estados Unidos e na Europa, mas também em países como Japão, Turquia, Rússia, Argentina, Filipinas e Índia”. As primeiras mobilizações se engajaram em campanhas pelo direito ao voto feminino e pela ampliação do acesso das mulheres à educação, contrapondo-se de maneira enfática à discriminação baseada no sexo. Em diversas regiões do mundo, associações femininas perseguiram “seus propósitos a partir de uma pluralidade de perspectivas” (Boudon; Bourricaud, 1993, p. 493).

Maria Elizabeth Ribeiro Carneiro destaca que o feminismo é um fenômeno social e cultural que assume características próprias “de acordo com o lugar e os sujeitos que dele ou nele falam” (Carneiro, 2019, p. 251). Já Branca Moreira Alves e Jacqueline Pitanguy compreendem o feminismo

como um conceito que atravessa todo um movimento desenvolvido ao longo da história e que deve continuar sendo constantemente trabalhado em todos os espaços da vida social. Para compreendê-lo, é fundamental analisar a condição das mulheres em diferentes sociedades e épocas, bem como identificar suas origens enquanto movimento político, desvelando a ideologia que, ainda hoje, impõe direitos, deveres e comportamentos distintos a homens e mulheres (Alves; Pitanguy, 1993).

Segundo June Hahner, o feminismo chegou ao Brasil na segunda metade do século XIX, em grande parte vinculado ao movimento sufragista e protagonizado por mulheres instruídas da classe média, que difundiam suas ideias por meio de jornais e periódicos (Hahner, 2003). Joana Maria Pedro indica que o movimento se desenvolveu em diferentes “Ondas”. A “Primeira Onda”, no final do século XIX, concentrou-se nas reivindicações por direitos políticos, sociais e econômicos, como o voto, o trabalho remunerado, a educação e a propriedade (Pedro, 2005). Já a “Segunda Onda”, após a Segunda Guerra Mundial, priorizou a autonomia sobre o corpo, o prazer e a crítica ao patriarcado, transformando o pessoal em político.

Não obstante, a própria Joana Maria Pedro, crítica as denominadas “ondas” do feminismo. A principal objeção da autora é que a abordagem das “ondas do feminismo” é restrita, eurocêntrica e inadequada para compreender o feminismo no Cone Sul, além de criar hierarquias teóricas artificiais que obscurecem a diversidade e a simultaneidade das experiências feministas (Pedro, 2011). No Brasil, o feminismo articulou-se a outros movimentos sociais, formando grupos de consciência e reflexão em grandes centros e culminando na criação do Centro da Mulher Brasileira (CMB), em 1975, durante encontro realizado na Associação Brasileira de Imprensa com apoio da ONU (Pedro, 2012).

Bárbara Figueiredo Souto, ao retomar os estudos de Muzart (2002)⁶, afirma que há evidências de que Charles Fourier (1772-1837) tenha criado o

⁶ MUZART, Zahidé Lupinacci. A cidade das mulheres: Mariana Coelho uma feminista brasileira. In: MUZART, Zahidé Lupinacci (Org.). **Mariana Coelho: a evolução do**

termo “feminismo”, cuja aplicação prática só se disseminou no final do século XIX. Ao longo do século XX, a expressão passou a ser reinterpretada em diferentes contextos internacionais, permanecendo, contudo, objeto de controvérsias. A autora concorda que não existe uma definição única de feminismo; é mais apropriado falar em feminismos, entendidos como processos que devem ser analisados em sua especificidade temporal, espacial e situacional. A amplitude desses movimentos, somada ao desconhecimento e aos preconceitos históricos em relação às lutas das mulheres, contribui para a permanência dos debates em torno do termo. Nesse sentido, ressalta que a classificação dos movimentos feministas em “Ondas” funciona como referência para compreender os numerosos protestos protagonizados por mulheres ao redor do mundo. Todavia, não é possível caracterizar tais movimentos como universais, uma vez que, no Brasil e na América Latina, os feminismos apresentam traços próprios e singulares, que não se limitam apenas às duas “Ondas” (Souto, 2022).

Estudos recentes de Eloisa Rosalen e Joana Maria Pedro indicam que a diversidade social e cultural do Brasil inviabiliza a concepção de um feminismo único. As brasileiras elaboraram múltiplas agendas, em diálogo com partidos de esquerda e movimentos negros, o que tornou os feminismos centrais nos debates sobre gênero, classe, sexualidade, colonialidade e raça na América do Sul. A solidariedade entre mulheres é apontada como condição fundamental para a luta política (Rosalen; Pedro, 2023).

No decorrer do século XIX e na primeira metade do século XX, mulheres brancas, letradas, escritoras, professoras e de classe média lutavam pelo direito de eleger seus representantes e de também serem eleitas. Ou seja, pelo direito de serem cidadãs, de ocupar um espaço público, de votar e de serem eleitas. As sufragistas, como eram chamadas essas mulheres, defendiam o voto feminino e, para isso, utilizaram jornais e

feminismo – subsídios para a sua história. 2ª ed. Curitiba: Imprensa Oficial do Paraná, 2002.

impressos para a divulgação dos direitos das mulheres, como, por exemplo, o direito à educação e à propriedade.

As décadas de 1980 e 1990 foram marcadas pelo surgimento e pela organização do Movimento Feminista Negro, bem como de outros movimentos com pautas identitárias, como, por exemplo, o movimento LGBT, atualmente denominado LGBTQIAPN⁷. Nesse período, observa-se uma diversificação dos problemas sociais e da carência de direitos humanos vivenciada pelas mulheres negras e por outros grupos minoritários. No caso específico das mulheres negras, suas trajetórias foram marcadas pela desigualdade social, que as colocava em situação de subalternidade, não apenas em relação aos homens, mas também às faltas de oportunidades. Ou seja, elas defendem que os feminismos devem discutir a interseccionalidade entre classe, raça e gênero e, assim, propor políticas que contemplem todos os grupos. Nos Estados Unidos, merecem destaque as discussões de Angela Davis (2016) e Kimberlé Crenshaw (2012). No Brasil, destacam-se as obras de Lélia Gonzalez (2020) e Sueli Carneiro (2011), entre outras.

A partir da década de 2010, assistimos à popularização da internet e com ela a divulgação e pluralização de pautas provenientes das lutas feministas. Mulheres ocuparam as ruas, as redes sociais, as instituições públicas e privadas, o cinema e outros espaços, para discutir e reivindicar seus direitos, bem como denunciar assédio, violência e misoginia. Heloisa Buarque de Hollanda (Heloisa Teixeira), denomina todos esses feminismos que tomaram as redes de “feminismos das diferenças”. Cinzia Arruzza, Tithi Bhattacharya e Nancy Fraser utilizam o termo “primavera feminista” para designar os femininos que tomam os espaços públicos a partir de 2018. Já Pilar Rubio chama de “primavera das mulheres” e afirma que agora esse despertar não é só pelo direito, é também por consciência.

⁷ LGBTQIAPN+ é uma sigla que abrange pessoas que são lésbicas, gays, bi, trans, queer/questionando, intersexo, assexuais/arromânticas/agênero, pan/poli, não-binárias e mais. Maiores informações ver: Cartilha de Orientação. Disponível em < [chrome-extension://efaidnbmnnnibpcajpcglclefindmkaj/https://www.conder.ba.gov.br/sites/default/f](chrome-extension://efaidnbmnnnibpcajpcglclefindmkaj/https://www.conder.ba.gov.br/sites/default/files/2024-) [iles/2024-](https://www.conder.ba.gov.br/sites/default/files/2024-)

2 A primavera feminista: o despertar nas redes sociais

A primavera é a estação que sucede o inverno e antecede o verão. No hemisfério Sul a primavera começa 22 de setembro e finaliza 20 de dezembro. Enquanto no hemisfério Norte ela ocorre entre 21 de março e 20 de junho. No simbolismo cultural a primavera é constantemente associada à renovação, ao renascimento, à fertilidade, ao florescer da vida e às transformações, sendo uma metáfora recorrente em literatura, artes e movimentos sociais. Pilar Pardo Rubio caracteriza o feminismo como um movimento filosófico e político, que ao longo de três séculos e com a herança do humanismo iluminista, recebeu diversas marcações políticas e históricas que, muitas vezes, substituíram a amplitude da luta pela igualdade por uma disputa difusa de poder entre os gêneros. O feminismo também pode ser compreendido como movimento social e denomina-se de “primavera” os diversos acontecimentos que vêm tomando o espaço público desde 2018 (Rubio, 2020).

No contexto histórico contemporâneo, nas redes sociais, encontramos inúmeros movimentos de mulheres que defendem reivindicações como o fim da violência de gênero; a garantia de uma saúde pública humanizada; o direito ao aborto; a ampliação dos direitos sociais; a equiparação salarial entre homens e mulheres; a autonomia sobre o corpo feminino, entre outras. É demanda central nesses movimentos a resistência ao machismo, ao patriarcado e ao sexismo. A sociedade brasileira edificou sua trajetória marcada pelo silenciamento das vozes femininas e, atualmente, essas vozes evidenciam que não aceitarão mais permanecerem caladas.

Entre maio de 2022 e maio de 2023, idealizei, coordenei e executei o projeto “Hashtag(s) movimento de mulheres: história e discursos dos novos ativismos femininos na rede”, no âmbito das atividades como Professora Visitante do Instituto Federal de Minas Gerais – Campus São João Evangelista (IFMG-SJE). A iniciativa teve como propósito principal investigar a trajetória e os discursos dos movimentos de mulheres no Brasil,

expressos na rede social Instagram, no período de 2015 a 2020. Utilizando a metodologia de técnicas de visualização, a pesquisa reuniu e sistematizou informações de quatro coletivos feministas de abrangência nacional: @ascatólicas, @feminismos. plurais, @vulvanegra e @filhasdefrida, sobre os quais passo a discorrer e analisar.

O perfil @ascatolicas no Instagram foi criado em 6 de fevereiro de 2018, pela organização não governamental Católicas pelo Direito de Decidir. Até o início de agosto de 2023, a página contabilizava 911 (novecentas e onze) publicações e 35,4 mil (trinta e cinco mil e quatrocentas) seguidoras⁸. Em sua apresentação, o coletivo se define como uma ONG feminista que “luta pela laicidade do Estado e a vida das mulheres”⁹. De acordo com informações disponíveis em seu site oficial, o projeto Católicas pelo Direito de Decidir configura-se como um movimento político de caráter internacional, articulado em organizações não governamentais, distribuídas atualmente em doze países. Composto por mulheres que se identificam como católicas, o movimento propõe reflexões críticas acerca de determinadas normativas eclesiais, especialmente aquelas relacionadas ao aborto, aos direitos reprodutivos e à autonomia das mulheres sobre seus próprios corpos¹⁰, conforme evidenciam as Figuras 1 a 3:

⁸ Hoje, o coletivo possui 1.553 publicações 38,7 mil seguidoras e segue 1.491 perfis (Instagram. @ascatolicas. 30/09/2025). Por se tratar de redes que são majoritariamente seguidas por mulheres, optou-se neste estudo subverter a norma culta do português, assim usou-se a flexibilização do gênero no português.

⁹ Instagram. @ascatolicas. 24/11/2022.

¹⁰ Católicas pelo Direito de Decidir. **Sobre nós**. Disponível em < <https://catolicas.org.br/> >. Acesso em 24/11/2022.



Figura 1. [#8M](#) - Dia Internacional da mulher (08/03/2023).

Figura 2. [#8M](#) -Dia Internacional da mulher (06/03/2023).

Figura 3. [#8M](#) - Dia Internacional da mulher (09/03/2023).

Fonte: Instagram. [@ascatolicas](#)

O slogan “Março é o mês de luta pelos direitos das mulheres!” intitula 13 postagens divulgadas no perfil do Instagram [@ascatolicas](#) ao longo de março de 2023. A iniciativa insere-se no contexto das mobilizações do Dia Internacional das Mulheres e evidencia a apropriação das redes sociais como espaço de difusão de pautas feministas. Na Figura 1, ressalta-se que as restrições e os riscos impostos à autonomia reprodutiva das mulheres brasileiras tornam indispensáveis a implementação de políticas de educação sexual, o acesso a métodos contraceptivos e a garantia do aborto legal e seguro. A Figura 2, por sua vez, evidencia a mortalidade materna e os efeitos dos abortos clandestinos como elementos que reforçam a urgência da autonomia e da justiça reprodutiva. Finalmente, a Figura 3 denuncia o fortalecimento de discursos de ódio, a violência contra minorias, a fome, o negacionismo e a fragilidade democrática, situando nesse cenário a reivindicação por soberania popular e pela efetivação da democracia.

Na análise das publicações postadas entre maio de 2022 e outubro de 2023, é possível perceber que, além das questões relativas aos direitos das mulheres, também são abordados temas como os direitos da população LGBTQIAPN+ e questões políticas contemporâneas, sobretudo o uso

desenfreado do cristianismo para disseminar discursos de ódio. Em alguns casos, o coletivo utiliza passagens da própria Bíblia¹¹ para explicar que pessoas cristãs não devem ser intolerantes, muito menos defender a violência por meio do uso de armas e da força¹². Em uma das publicações, o coletivo @ascatolicas evidencia seu esgotamento diante das injustiças, o que pode ser observado na citação a seguir:

Estamos fartas do machismo, da violência doméstica e sexual, do feminicídio e de todas as injustiças que retiram a dignidade das mulheres e meninas. Estamos fartas da fome que voltou a ser realidade no Brasil, do desemprego, do trabalho precarizado e da desigualdade salarial. Estamos fartas dos governantes que nada fazem para transformar essa realidade, do ódio espalhado pelo fundamentalismo religioso e dos retrocessos que têm atingido a vida de meninas e mulheres. E você, está farta do quê? [#EstamosFartas](#) [#SouCatólicaeFeminista](#) [#CatólicasFeministas](#) [#CatólicasPeloDireitoDeDecidir](#) (Instagram. @ascatolicas. 23/09/2022).

A linguagem #SouCatólicaeFeminista expressa a identidade das mulheres que integram o coletivo, revelando a escolha consciente de permanecerem na fé católica enquanto se posicionam de forma crítica e ativa contra práticas que comprometem a equidade de gênero e os direitos das mulheres. Essa postura reflete o espírito da “Primavera Feminista”, movimento marcado pela renovação das lutas e pelo florescimento de novas formas de resistência, no qual a religiosidade também se entrelaça ao compromisso com a justiça social. Assim, o perfil se reafirma como um espaço de articulação e difusão dos feminismos atuais.

O perfil do projeto @feminismosplurais no Instagram realizou sua primeira publicação em 31 de outubro de 2020 e, em agosto de 2023, contabilizava 37,1 mil seguidoras e 611 postagens¹³. Suas produções expressam e divulgam as iniciativas do Espaço Feminismos Plurais, cujo foco recai sobre “mulheres negras e pessoas em

¹¹ Livro Sagrado do Cristianismo.

¹² Instagram. @ascatolicas. 06/10/2022.

¹³ Atualmente, quase dois anos após a realização da pesquisa o perfil possui com 64,1 mil seguidores (as) e 781 postagens (Instagram. @feminismosplurais. 30/09/2025. Como se observa, duplicou o número de seguidores(as).

situação de vulnerabilidade”¹⁴. Entre seus propósitos, destacam-se “o incentivo a ideias, conhecimento, educação e debates, bem como o cuidado no acolhimento em atendimentos psicológico, jurídico e profissional”¹⁵. O espaço configura-se como um desdobramento da coleção de livros homônima, criada em 2017, com o lançamento da obra *Lugar de Fala*, da filósofa Djamila Ribeiro (coordenadora da coleção e idealizadora do espaço).

Durante o período da pesquisa foram selecionados e categorizados como “Conhecimento Compartilhado” 322 conteúdos cujos temas são variados, mas giram em torno de assuntos acadêmicos, culturais e políticos relacionados ao feminismo negro, antirracismo e justiça social, conforme demonstra o Quadro a seguir:

QUADRO 1: Conteúdos de “Conhecimento Compartilhado”

Temas	Informações
Conceitos críticos e filosóficos	Alterocídio (destruição intencional de identidades e histórias). Amefricanidade (conceito de Léila Gonzalez que resgata ancestralidade negra e indígena). Diferença entre cegueira racial e neutralidade racial. Reflexões sobre consciência e liberdade a partir de Patricia Hill Collins.
Questões educacionais e sociais	Letramento racial e pedagogias antirracistas. Reflexões sobre ausência de professores negros e racismo estrutural na academia. O impacto da equidade racial na educação.
Feminismo negro e protagonismo das mulheres negras	Textos de Juliana Borges sobre consciência transformada, autodefinição e feminismo negro. A importância do fortalecimento do feminismo negro no contexto da pandemia.
Referências culturais e literárias	Indicações de livros, como “O menino Nito” de Sônia Rosa. Artigos e produções acadêmicas disponíveis na plataforma Feminismos Plurais.

Fonte: Instaram. @feminismosplurais. Amostra coletada entre 31/10/2020 e 15/04/2023.

Assim, observa-se que o perfil @feminismos.plurais, ao difundir conceitos do pensamento negro, valorizar o protagonismo das mulheres negras, promover discussões sobre racismo estrutural e antirracismo e divulgar obras, artigos e autoras(es), amplia o acesso da sociedade a um conhecimento acadêmico traduzido em linguagem pública e acessível. Para além do caráter filosófico que marca sua idealizadora, Djamila Ribeiro, o perfil atua como um espaço de mobilização intelectual e política que favorece o despertar de uma consciência crítica sobre o feminismo negro. Tal processo dialoga diretamente com os princípios da “Primavera Feminista”, que busca renovar e expandir

¹⁴ Feminismos Plurais. <https://www.espacofeminismosplurais.org.br/>. Acesso 17/08/2023.

¹⁵ *Idem*.

as lutas pela emancipação, pela equidade e pelo florescimento de novas formas de resistência e transformação social.

Por sua vez, o perfil @vulvanegra foi criado e idealizado por Yasmim Moraes em 2018 e se apresenta como o “primeiro projeto feminista raiz negro do Brasil”¹⁶. A criadora e idealizadora se apresenta como: escritora, atriz, estudante de Jornalismo na Universidade Federal da Bahia (UFBA), ativista social e integrante do Centro de Pesquisas em Análise do Discurso e Mídia (CEPAD) da mesma instituição. Ela informa também que atuou como colunista convidada na revista *TodaTeen* e que, em 2022, representou o Nordeste como Embaixadora na *Brazil Conference (BC) at Harvard & MIT*¹⁷. E que foi a primeira brasileira a proferir palestra no palco principal da maior conferência feminista da Europa¹⁸.

No período entre maio de 2021 a agosto de 2023, o perfil tinha publicado aproximadamente 328 conteúdos e contava com 57,9 mil seguidoras¹⁹. O diferencial do perfil é que, além de difundir conteúdos nas redes, ele organiza o “Encontro Feminista Vulva Negra” em diversos estados brasileiros, bem como campanhas para angariar fundos destinados à sua manutenção. De acordo com Yamim Moraes, como feministas de raiz e ativistas antirracistas, é necessário fortalecer a autoconsciência feminina, visto que o cuidado de si permanece um ato político em uma sociedade que deseja às mulheres a condição de servas ou a morte²⁰. O Gráfico 1 ilustra os temas mais recorrentes no perfil do Instagram.

¹⁶ Instagram. @vulvanegra. Acesso 12/08/2023.

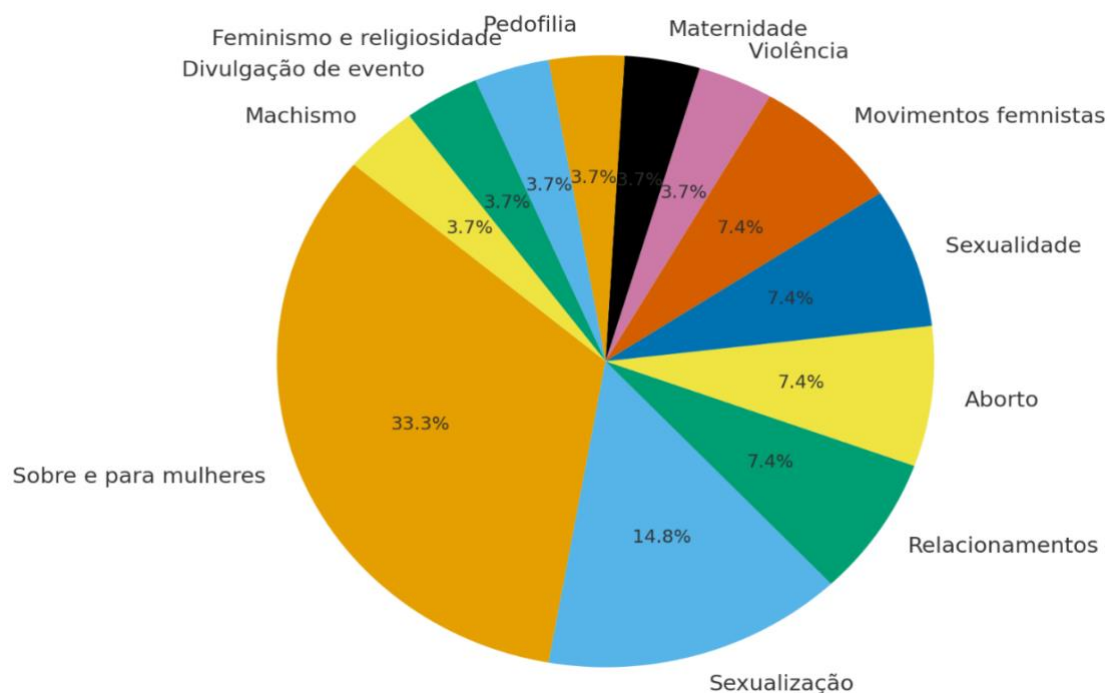
¹⁷ A *Brazil Conference* é um evento anual realizado desde 2015 pela comunidade brasileira de estudantes na região de Boston. O evento tem como missão atrair cada vez mais atenção global para o nosso país, impulsionar o desenvolvimento do Brasil por meio da inovação, discussões impactantes e colaboração. Maiores informações acessar: <https://www.brazilconference.org/l/about/#:~:text=A%20Brazil%20Conference%20&%20MIT%20%C3%A9,estudantes%20na%20regi%C3%A3o%20de%20Boston>.

¹⁸ Site Oficial Vulva Negra. <https://vulvanegra.org/sobre-a-autora/>. Acesso 12/08/2023.

¹⁹ Atualmente o projeto tem 587 publicações e possui 82,1 mil seguidoras. Um aumento representativo nos últimos dois anos (Dados levantados até 30/09/2025).

²⁰ Yasmim Moraes. <https://vulvanegra.org/sobre-a-autora/>. Acesso 12/08/2023.

GRÁFICO 1 - Distribuição dos Temas – Instagram @vulvanegra



Fonte: Instagram. @vulvanegra. Amostragem coletada no período entre 30/09/2021 e 08/11/2022.

O tema “Sobre e para mulheres” constitui-se como o mais recorrente nas publicações do perfil, direcionando-se à reflexão acerca dos papéis sociais, dos estereótipos e das experiências cotidianas femininas. O eixo “Sexualização” também assume relevância, ao problematizar a objetificação da mulher em diferentes contextos, como na mídia, na cultura pop e nas redes sociais. O tema “Relacionamentos” aborda questões relacionadas à dependência emocional, à dominação masculina e às dinâmicas de poder. Já “Aborto” e “Sexualidade” são tratados como pautas de caráter político e vinculadas aos direitos reprodutivos, evidenciando a centralidade da autonomia feminina. O eixo “Movimentos feministas” contempla tanto a militância quanto a organização coletiva em defesa da igualdade de gênero. Por fim, os demais temas identificados – violência, maternidade, pedofilia, religiosidade, divulgação de eventos e machismo – aparecem de forma pontual, mas contribuem para ampliar a diversidade e a abrangência das discussões promovidas pelo perfil. Nesse sentido, o coletivo @vulvanegra se configura como um espaço de resistência e renovação, alinhado ao espírito

da “Primavera Feminista”, ao conjugar multiplicidade de vozes e fortalecer a luta por equidade, dignidade e emancipação das mulheres.

Ao contrário dos perfis @ascatolicas, @feminismos.plurais e @vulvanegra, que emergiram entre 2018 e 2020, em sintonia com o despertar da chamada “Primavera Feminista”, o perfil @filhasdefrida foi criado em 2015, antecedendo esse movimento de intensificação das lutas. Idealizado pela advogada e escritora Eduarda Porcino, o perfil se insere como experiência pioneira de articulação feminista no ambiente digital, abrindo espaço para debates e narrativas que mais tarde seriam ampliados e diversificados por outros coletivos e pela própria idealizadora do perfil.

Desde sua criação até o ano de 2025, o perfil @filhasdefrida contabilizou 7.094 publicações e reuniu 336 mil seguidoras, consolidando-se como um dos coletivos feministas de maior alcance no ambiente digital brasileiro. O coletivo articula ações tanto no espaço virtual quanto em iniciativas presenciais, sendo caracterizado como um “canal informativo de combate à violência doméstica e familiar”²¹. Os conteúdos publicados buscam difundir informações e práticas culturais por meio de abordagens diversas, contemplando temáticas relacionadas a grupos historicamente minoritários, tais como o combate ao racismo, à xenofobia, à LGBTfobia, à pedofilia e à gordofobia. Entretanto, observa-se que a ênfase maior recai sobre questões voltadas às mulheres. Um dos principais objetivos coletivos consiste em fortalecer a autoestima e o amor-próprio das mulheres, bem como promover reflexões constantes acerca de seus direitos²².

Embora não utilize a linguagem das *hashtags* como estratégia de visibilidade, o perfil @filhasdefrida reúne um número de seguidores(as) três vezes maior ao somatório dos perfis @ascatolicas, @feminismos.plurais e @vulvanegra, o que evidencia sua expressiva capacidade de mobilização. O coletivo foi criado na cidade de Montes Claros, município do Norte de Minas Gerais, com 414.240 habitantes. O site informa que a iniciativa surgiu a partir de uma experiência pessoal de sua idealizadora, Eduarda Porcino, que

²¹ Instagram. @filhasdefrida. 12/08/2023.

²² Filhas de Frida. <https://www.filhasdefrida.org/blank-1>. Acesso 12/08/2023.

decidiu criar uma conta no Instagram para apoiar meninas que estavam sendo expostas na internet – violência da qual ela própria também foi vítima. Ao longo de seus dez anos de trajetória, o projeto passou por diferentes fases, contando com o engajamento voluntário de várias mulheres, enfrentando desafios e reconfigurações, mas consolidando-se como uma das experiências feministas digitais mais relevantes do país²³.

O nome do perfil se inspirou na vida e obra da artista mexicana Frida Kahlo (1907-1954), cuja trajetória foi marcada pela dor física, pela intensidade emocional e pela capacidade de transformar o sofrimento em criação estética. Conforme destaca Marilda Corrêa Ciribelli, Frida enfrentou graves problemas de saúde desde a infância, agravados pelo acidente de bonde sofrido aos 18 anos, que lhe deixou múltiplas sequelas permanentes. Ao longo da vida, passou por diversas cirurgias e conviveu com dores crônicas, internações frequentes e severas limitações físicas, elementos que se refletiram de forma direta em sua produção artística e em sua visão de mundo. No campo pessoal a artista manteve um relacionamento afetivo com o pintor Diego Rivera, caracterizado por intensidade, mas também por conflitos, infidelidades e rupturas (Ciribelli, 2006). A literatura contemporânea frequentemente associa esse tipo de vínculo a características de relações abusivas. Não é à toa que a relevância de Frida aparece em vários conteúdos publicados ao longo dos dez anos de existência da página como ilustra a Figura 4.

²³ Filhas de Frida. <https://www.filhasdefrida.org/blank-3>. Acesso 17/09/2023.



Figura 4. Publicação no Instagram do Coletivo Filhas de Frida.
Fonte: Instagram. @filhasdefrida. 10/04/2023.

A postagem foi curtida por 534 pessoas. A partir da sua análise pode-se perceber que a vulnerabilidade de Frida Kahlo constitui expressão de sua força, na medida em que a exposição da dor exige grande coragem, e sua produção artística representava o principal canal de comunicação com o mundo. Ressalta-se, ainda, que a vida de uma mulher não pode ser reduzida exclusivamente ao relacionamento conjugal, pois este corresponde apenas a uma dimensão entre outras de sua existência. A dependência emocional manifestada por Frida é interpretada como decorrência de uma infância permeada por experiências de abandono, comparações constantes e estigmatização, exemplificada pelo apelido depreciativo de “perna de pau”.

A partir da análise realizada entre 2023 e 2025, observa-se que o perfil @filhasdefrida divulga conteúdos de caráter informativo, crítico e reflexivo, voltados às múltiplas vulnerabilidades às quais as mulheres podem estar submetidas. Além disso, o coletivo engaja-se em campanhas de enfrentamento à violência doméstica e de denúncia da exposição de mulheres nas redes sociais²⁴. Nesse sentido, nosso entendimento é de que o coletivo @filhasdefrida transitou de uma “história das margens”²⁵ para uma

²⁴ Instagram. @filhas de Frida (2021-2024).

²⁵ O conceito de “história das margens”, conforme interpretação de Michelle Perrot, refere-se à compreensão de que escrever história implica considerar simultaneamente as duas margens, reconhecendo as experiências de grupos centrais e periféricos, e assumindo uma

posição de maior visibilidade e projeção em âmbito nacional, consolidando-se como um veículo relevante de disseminação do feminismo digital. Inserido nas margens do sertão norte-mineiro, o coletivo utiliza as redes sociais e a linguagem do “@” como estratégias de comunicação que ampliam seu alcance para diferentes regiões do Brasil e do mundo.

Ao adotar Frida Kahlo como referência identitária, o coletivo ressignifica sua biografia e a projeta como símbolo de resistência, resiliência e denúncia das opressões estruturais vividas pelas mulheres. Assim, a memória de Frida é mobilizada como instrumento de inspiração e integração comunitária, em consonância com os ideais da chamada “Primavera Feminista”, que busca dar visibilidade a vozes silenciadas e transformar experiências de dor em potência política e emancipatória.

Os quatro coletivos analisados compartilham a defesa de pautas vinculadas aos direitos das mulheres e da população LGBTQIAPN+, além do enfrentamento ao racismo, à violência e ao discurso de ódio, intensificados no contexto de crescente polarização política contemporânea. Observa-se, ainda, que os perfis utilizam diferentes recursos midiáticos – como imagens, vídeos e textos – para denunciar práticas machistas e misóginas, reforçando seu caráter de militância digital. Com exceção do perfil @filhasdefrida, criado em 2015 e caracterizado pela ausência da linguagem das *hashtags*, os demais coletivos, fundados entre 2018 e 2020, recorrem amplamente a esse recurso como estratégia de conexão com outros movimentos feministas e com uma rede mais ampla de simpatizantes.

Nesse sentido esses coletivos, ainda que distintos em origem, foco temático e estratégias de linguagem, convergem no uso do feminismo digital como ferramenta de mobilização social, contribuindo para dar visibilidade às vozes femininas, bem como buscam transformar a experiência individual e coletiva em ação política. Juntos, configuram expressões múltiplas da “Primavera Feminista”, revelando como a luta feminista se reinventa no espaço virtual e se expande em direção a novos públicos, contextos e identidades.

postura ativa diante de ambos. Essa perspectiva amplia o campo historiográfico ao incluir sujeitos, vozes e práticas historicamente silenciados (Perrot, 2005).

3 Movimento *Tradwife*: “femininas” e “não-feministas”?

O termo *tradwife* consiste na junção das palavras *traditional* (tradicional) e *wife* (esposa), podendo ser traduzido como “esposa tradicional”. As pesquisadoras neozelandesas Sophia Sykes e Veronica Hopner realizaram uma análise netnográfica²⁶, na qual observaram, ao longo de dez meses, as atividades de 36 influenciadoras *tradwives* em diferentes plataformas digitais, tais como *Facebook*, *Instagram*, *Twitter* (X), *TikTok*, *YouTube*, *Reddit*, *WhatsApp* e *Telegram*. Constataram que a maioria das influenciadoras *tradwives* analisadas se localizava nos Estados Unidos; entretanto, também foram incluídas mulheres oriundas do Canadá, Reino Unido, Austrália e Nova Zelândia. As pesquisadoras identificaram quatro aspectos da cultura *tradwife* que podem ser observados no Quadro a seguir:

QUADRO 2 - Aspectos da cultura *Tradwife*

Aspectos		Significados
1	Panorama <i>Tradwife</i>	Essas influenciadoras possuem identidade dentro de uma ampla paisagem da direita política e cultural.
2	Influenciadoras multiplataformas	As Tradwives exploram diversas redes sociais para maximizar seu alcance.
3	Femininas, não feministas	Elas rejeitam o feminismo, promovendo uma noção tradicional de feminilidade como sinônimo de deveres domésticos e apoio ao marido.
4	O “ <i>side hustle</i> ” (trabalho paralelo) das <i>Tradwives</i>	A monetização do conteúdo Tradwife reforça e amplia suas posições políticas e culturais.

Fonte: Sykes e Hopner (2024, tradução livre).

A partir desses elementos, as autoras constataram que, nos aspectos 1 e 2, ocorre a “criação e expansão da subcultura *tradwife*”, uma vez que essas influenciadoras operam em diferentes espaços da direita política, utilizando plataformas digitais para construir conexões, disseminar conteúdo curado e manter uma identidade consistente. O conteúdo estético e

²⁶ De acordo com Robert Kozinets, “a netnografia consiste numa forma especializada de etnografia adaptada às contingências específicas dos mundos sociais de hoje mediados por computadores”. Isto é, os estudos netnográficos almejam compreender a cultura e a comunidade online das pessoas que utilizam as redes sociais (Kozinets 2014, p. 9-10).

as narrativas cuidadosamente elaboradas atraem um público interessado em maternidade, culinária, jardinagem ou *homeschooling* (educação em casa), aproximando-se de estilos de vida conservadores. No aspecto três, ao se identificarem como “femininas, não feministas”, as *tradwives* rejeitam o feminismo, posicionando-se no constructo de gênero segundo o modelo tradicional de mulher: voltado às tarefas domésticas, à maternidade e ao suporte ao marido. Por fim, no aspecto quatro, observa-se que as *tradwives* transformam esse estilo de vida em carreiras como influenciadoras digitais, monetizando a produção de conteúdo alinhado a ideologias patriarcais e de direita. Tal dinâmica reforça suas ideias, fortalece comunidades conservadoras, historicamente dominadas por homens, e amplia seu poder de alcance e engajamento (Sykes; Hopner, 2024).

Teresa de Lauretis conceitua gênero como um conjunto de efeitos gerados por mecanismos políticos e sociais. Nesse contexto, o gênero é construído e reiterado por diferentes dispositivos sociais, tais como: cinema, enunciados, formas de conhecimento, práticas institucionais e rotinas do cotidiano, que atuam na configuração da representação e da autorrepresentação dos corpos e das identidades de gênero. Assim, a autora compreende o gênero como uma elaboração ou processo tecno-político, uma tecnologia social, que opera de maneira contínua sobre os indivíduos, suas imagens e suas interações sociais, e não como um dado natural ou biológico (Lauretis, 2019).

Dessa forma, as mulheres *tradwives*, ao se esporem em suas redes aspectos de suas rotinas domésticas, posicionam-se não apenas como mulheres que fizeram “escolhas” de estarem ali, mas também como difusoras de tecnologia de gênero que rejeitam o feminismo afirmando-se como um contraponto às normas progressistas de gênero predominantes na sociedade atual. Numa busca rápida no Instagram, foi encontrado o perfil americano “@tradwifeoficial” que possui 5.095 seguidores(as) e aproximadamente 1.485 publicações. Na apresentação do perfil está a frase “*Tradwife stands for educated women who prefer a role of feminine and*

respectful submission in a loving relationship”²⁷. O enunciado indica que uma *tradwife* representa mulheres instruídas que escolhem desempenhar um papel de obediência feminina e deferente em uma relação afetiva.

Nesse sentido, aponta que elas necessitam ocupar funções sociais de subalternidade para obter a aprovação masculina. Para fundamentar a compreensão desse tipo de concepção, Valeska Zanello recorre ao conceito de “dispositivo amoroso”, entendido como um mecanismo cultural e simbólico que leva as mulheres a construírem sua identidade e autovalorização a partir do olhar e da legitimação dos homens. A fim de ilustrar esse conceito, a autora propõe a metáfora da “prateleira do amor”, espaço em que as mulheres são expostas simbolicamente, e cuja posição varia conforme sua aproximação dos padrões estéticos e culturais reconhecidos socialmente. Dessa forma, a autoestima feminina permanece condicionada à possibilidade de “ser escolhida” e, conseqüentemente, validada pelo olhar masculino (Zanello, 2022).

Ao usarem espaços na internet para atraírem mulheres interessadas em estilos de vida tradicionais, influenciando debates sociais sobre gênero, política e agência feminina, as *tradwives* não só reproduzem ideologias patriarcais, como também criam representações de mulheres “belas, recatas e do lar”²⁸ e que elas devem estar sempre dispostas a serem boas esposas e que agradem seus maridos como ilustra a Figura 5.

²⁷ Instagram. @tradwifeoriginal. 30/09/2025.

²⁸ Parafraseando a matéria exibida pela revista Veja em 18/04/2016 sobre a ex-primeira-dama “Marcela Temer: bela, recatada e “do lar””. Maiores informações acessar: <https://veja.abril.com.br/brasil/marcela-temer-bela-recatada-e-do-lar/>.

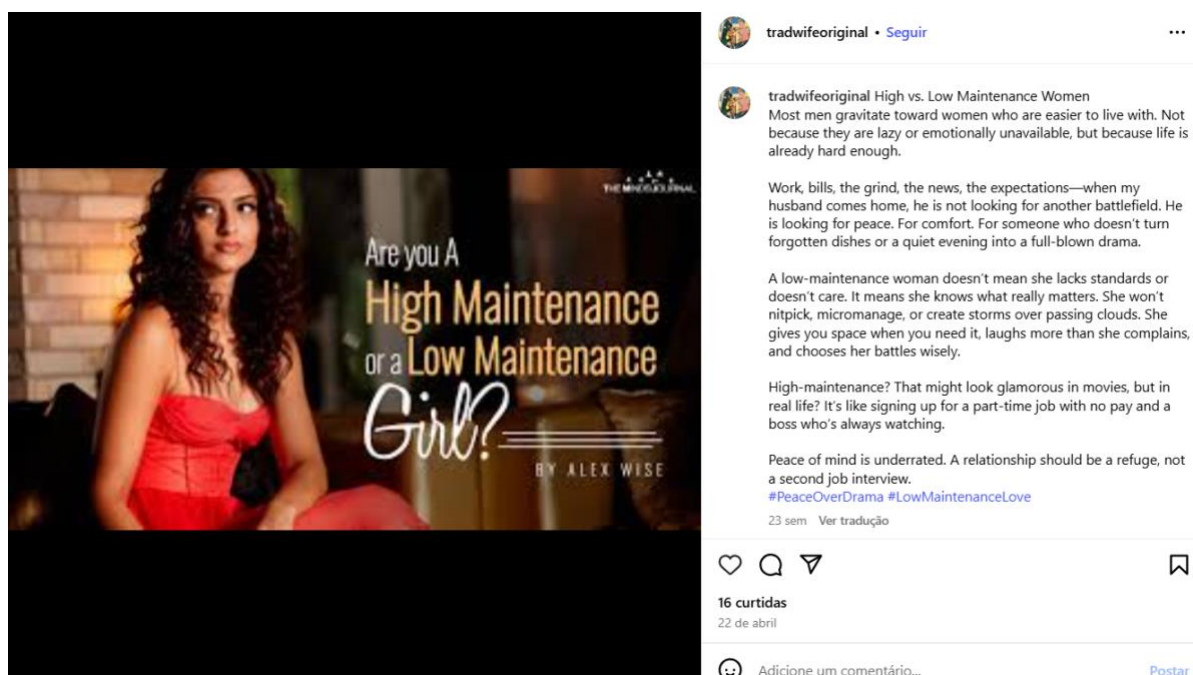


Figura 5. Publicação no Instagram Tradwife Oficial
Fonte: Instagram. @tradwifeoficial. 22/04/2025.

A postagem versa sobre a distinção entre mulheres de “alta” e “baixa manutenção” expressando um discurso cultural que valoriza a figura feminina associada à simplicidade, à flexibilidade e à oferta de tranquilidade emocional no relacionamento. Enquanto a “alta manutenção” é retratada como exigente e desgastante, a “baixa manutenção” é idealizada como refúgio e suporte. Tal oposição reforça expectativas de gênero que, embora celebrem a harmonia conjugal, também podem ocultar assimetrias estruturais nas relações afetivas. Foi possível verificar, em cerca de 100 postagens analisadas, que a continuidade dessa “harmonia conjugal” seria papel exclusivo das mulheres. E para consolidar isto o perfil exibe cartazes do dia esposa tradicional, conforme mostram as Figuras 6 a 8.



Figura 6. Tradwife Day 2025. 11/08/2025.



Figura 7. Tradwife Day 2025. 02/08/2025.



Figura 8. Tradwife Day 2025 18/08/2025.

Fonte: Instagram. @tradwifeoficial

Dessa forma, o perfil institui o dia 18 de agosto como a data comemorativa da “esposa tradicional”, mobilizando o slogan “sua vida, sua escolha”²⁹ como elemento de legitimação simbólica. Ao investigarem o perfil de uma *tradwife* brasileira, Denise Prado e Paula Simões concluíram que o movimento não se configura como um fenômeno espontâneo, mas como reflexo do fortalecimento do conservadorismo. As autoras ressaltam que os valores difundidos por essas criadoras de conteúdo colocam em questão conquistas históricas do feminismo e podem contribuir para a legitimação de ideais de caráter extremista (Prado; Simões, 2025). Nessa perspectiva, a análise de gênero torna-se fundamental para a compreensão das disputas políticas contemporâneas, em especial no âmbito do movimento *tradwife*.

4 Considerações finais

Ao longo do tempo, o movimento feminista se diversificou, dando origem a diferentes correntes e perspectivas, conhecidas hoje como feminismos, no plural, que refletem distintas experiências, contextos culturais e posições sociais das mulheres. Dessa forma, compreender os feminismos implica reconhecer sua pluralidade e a multiplicidade de

²⁹ Instagram. @tradwifeoficial. 31/07/2025.

agendas e estratégias que caracterizam a luta por igualdade de gênero ao longo da história.

A chamada “Primavera Feminista” possibilitou o fortalecimento de um feminismo de caráter global e integrativo, que estabelece diálogo com diferentes pautas emergentes. Entre elas, destaca-se o feminismo digital, o qual abriu espaço para a atuação de coletivos como @scatolicas, @feminismosplurais, @vulvanegra e @filhasdefrida, permitindo a manifestação de diversidades e a circulação de informações sobre agendas contemporâneas. Além disso, tais coletivos exercem um papel fundamental na denúncia das múltiplas formas de violência de gênero vivenciadas por mulheres.

Em contraposição à chamada “Primavera Feminista”, surge o movimento *tradwife*, que se fundamenta na reafirmação de valores tradicionais associados à estrutura patriarcal. Ao exaltar a figura da mulher dedicada exclusivamente ao lar, ao cuidado dos filhos e à submissão ao marido, esse movimento não apenas redefine papéis historicamente atribuídos às mulheres, mas também acentua os debates contemporâneos sobre feminismo, autonomia corporal e igualdade de gênero. Consequentemente, o discurso das *tradwives* atua como uma reação contra-feminista, ao mesmo tempo em que se configura como uma escolha “livre” ou “autêntica”, encobrindo, entretanto, as condições estruturais de desigualdade que determinavam tais escolhas. Assim, ao pleitear uma suposta legitimidade para a retomada de práticas tradicionais, o movimento fortalece narrativas conservadoras e potencialmente excludentes, que procuram enfraquecer os avanços conquistados pelos feminismos nas últimas décadas.

A pesquisa permanece em desenvolvimento, mas, até o presente momento, conclui-se que os feminismos contemplam agendas diversificadas e plurais, enquanto o movimento *tradwife* mantém a negligência em relação à diversidade, ao mesmo tempo em que introduz um discurso de padronização dos papéis de gênero.

Referências

- ALVES, Branca Moreira; PITANGUY, Jacqueline. *O que é feminismo*. São Paulo, Editora Brasiliense, 3ª Ed., 1983.
- ARRUZZA, Cinzia; BHATTACHARYA, Tithi; FRASER, Nancy. *Feminismo para os 99%: um manifesto* (Portuguese Edition) (p. 10). Boitempo Editorial. Edição do Kindle, 2020.
- BOUDON, Raymond; BOURRICAUD, François. Movimento de Mulheres. In: *Dicionário Crítico de sociologia*. Trad. Maria Letícia Guedes Alcorado e Durval Ártico. São Paulo: Ática, 1993.
- CARNEIRO, Maria Elizabeth Ribeiro. Feminismo-Feminismos. In: COLLING, Ana Maria; TEDESCHI Losandro Antônio, Org. **Dicionário crítico de gênero**. Prefácio [de] Michelle Perrot. – 2.ed. – Dourados, MS: Ed. Universidade Federal da Grande Dourados, 2019 – Dourados, MS: Ed. Universidade Federal da Grande Dourados, 2019, pp.251-254.
- CARNEIRO, Sueli. *Racismo, sexismo e desigualdade no Brasil*. São Paulo: Selo Negro, 2011.
- CIRIBELLI, Marilda Corrêa. *Mulheres singulares e plurais: sofrimento e criatividade*. Rio de Janeiro: 7Letras, 2006.
- CRENSHAW, Kimberlé. *A interseccionalidade da discriminação de raça e gênero*. 2002. Disponível em: <http://www.acaoeducativa.org.br/fdh/wp-content/uploads/2012/09/Kimberle-Crenshaw.pdf>. Acesso em: 20/02/2022.
- DAVIS, Angela. *Mulheres, raça e classe*. Tradução de Heci Regina Candiani. São Paulo: Boitempo, 2016.
- GONZALEZ, Lélia. *Por um Feminismo Afro-Latino-Americano: Ensaios, Intervenções e Diálogos*. Rio Janeiro: Zahar, 2020.
- FEDERICI, Silvia. *O Ponto Zero da Revolução: trabalho doméstico, reprodução e luta feminista*. São Paulo: Elefante, 2018.
- FOULCAULT, Michel. *Microfísica do poder*. Tradução de Roberto Machado. 14.ed. Rio de Janeiro: Graal, 1999.
- GORDON, Charlotte. *Mulheres extraordinárias: Mary Wollstenecraft e Mary Shelley as criadoras e a criatura*. Tradução Giovanna Louise Libralon. Rio de Janeiro: DarkSide Books, 2020.
- HAHNER, June Edith. *Emancipação do Sexo Feminino: a luta pelos direitos da mulher no Brasil - 1885-1940*. Florianópolis, Ed. Mulheres; Santa Cruz do Sul / EDUNISC, 2003.

HOLLANDA, Heloísa Buarque de. *Explosão feminista: arte, cultura, política e universidade*. 1ªed. São Paulo: Companhia das Letras, 2018.

KOZINETTS, Robert V. *Netnografia [recurso eletrônico]: realizando pesquisa etnográfica online*. Tradução: Daniel Bueno ; revisão técnica: Tatiana Melani Tosi, Raúl Ranauro Javale Júnior. – Dados eletrônicos. Porto Alegre: Penso, 2014.

LAURENTIS, Teresa. A tecnologia de gênero. In: HOLLANDA, Heloisa Buarque de (Org.). *Pensamento feminista: conceitos fundamentais / Audre Lorde... [et al.]*; organização Heloisa Buarque de Hollanda. Rio de Janeiro: Bazar do Tempo, 2019.

PARDO RUBIO, Pilar. *Primavera das mulheres: 100 questões essenciais para entender o feminismo no mundo contemporâneo*. Tradução Gilson César Cardoso de Sousa. -- São Paulo : Editora Pensamento. Editora Cultrix. Edição do Kindle, 2020.

PRADO, Denise F. B.; SIMÕES, Paula G. *Capital de visibilidade e movimento tradwife: disputas de gênero nos processos de celebração*. 34º Encontro Anual de Compós. Diversidade de vozes e políticas afirmativas na Comunicação. Universidade Federal do Paraná (UFPR). Curitiba, 2025.

PEDRO, Joana Maria. Traduzindo o debate: o uso da categoria gênero na pesquisa histórica. *História*. São Paulo, v. 24, N.1, p. 77-98, 2005.

_____. Relações de gênero como categoria transversal na historiografia contemporânea. *Topoi*, v. 12, n. 22, jan.-jun. 2011, p. 270-283.

_____. O Feminismo de Segunda Onda: corpo, prazer e trabalho. In: In:PINSKY, Carla Vassanezi; PEDRO, Joana Maria (Org.). *Nova História das Mulheres no Brasil*. São Paulo: Contexto, 2012. pp. 238-259.

PERROT, Michelle. *As mulheres ou os silêncios da história*. Tradução de Viviane Ribeiro Bauru. São Paulo: EDUSC, 2005.

PETRONE, Talíria. Prefácio. In: ARRUZZA, Cinzia; BHATTACHARYA, Tithi; FRASER, Nancy. *Feminismo para os 99%: um manifesto* (Portuguese Edition). Boitempo Editorial. Edição do Kindle.

ROSALEN, Eloisa; PEDRO, Joana Maria. Os debates historiográficos sobre os feminismos da 'segunda onda' na contemporaneidade. *Revista Feminismos*. www.feminismos.neim.ufba.br ISSN: 2317-2932 Vol 11, N2 - jul – dez/2023 e11223040.

RUBIO, Pilar Pardo. *Primavera das mulheres: 100 questões essenciais para entender o feminismo no mundo contemporâneo*. Tradução Gilson César Cardoso de Sousa. - São Paulo: Editora Pensamento Cultrix, 2020.

SOUTO, Bárbara Figueiredo. *Mulheres e imprensa no século XIX: Projetos feministas no Rio de Janeiro e em Buenos Aires* (Portuguese Edition). Editora Luas. Edição do Kindle, 2022.

SYKES, Sophia., & HOPNER, Veronica. (2024). *Tradwives: Right-Wing Social Media Influencers*. *Journal of Contemporary Ethnography*, 53(4), 453-487. <https://doi.org/10.1177/08912416241246273> (Original work published 2024)
Copy Citation

ZANELLO, Valeska. *Prateleira do amor: sobre mulheres, homens e relações*. ed. - Curitiba : Appris, 2022.

Recebido em outubro de 2025.

Aprovado em janeiro de 2026.